

CULTURA E IDENTIDADE NO MUNDO GLOBALIZADO



JORNALISTA: MARGARIDA FONTES

Índice

Introdução.....	1
Perfil Pessoal.....	2
Perfil Profissional.....	2.1
Entrevista.....	3
Notícia.....	4
Artigo De Opinião.....	5
Reflexões.....	6

1. Introdução

Num tempo em que as fronteiras físicas se esbatem, mas as culturais continuam a desafiar-nos, falar de cultura e identidade no mundo globalizado é refletir sobre quem somos, de onde vimos e como convivemos com o outro. Este projeto jornalístico parte dessa reflexão e mergulha em histórias reais, vivências concretas e desafios contemporâneos de quem habita esse entrelaçar de mundos.

Através de diferentes géneros jornalísticos, o e-book propõe uma viagem por experiências de vida que ilustram a pluralidade identitária nos dias de hoje. Começamos com o perfil de Katerina, uma jovem que nasceu na Finlândia, passou por África e Brasil e vive agora em Portugal, construiu a sua identidade entre sotaques, afetos e memórias de muitos lugares. Num registo profissional, conhecemos também Carla Carnide, técnica do Consulado dos EUA em Lisboa, que lida diariamente com processos de vistos e observa, nos bastidores da diplomacia, as tensões e esperanças de quem atravessa fronteiras.

Na entrevista a Bhagyeshir, jovem portuguesa de origem india, abordamos as dores e as forças de crescer entre culturas distintas, enfrentando o preconceito e afirmindo a identidade com coragem. Já na notícia sobre o Bollywood Holi, festival fundado pelo DJ Yash, percebemos como a arte especialmente a música pode ser uma forma de resistência cultural e união em contextos onde a diferença ainda é vista com desconfiança.

Por fim, o artigo de opinião “Identidade nacional na era global” propõe uma reflexão sobre como a globalização não anula culturas, mas as reinventa, desafiando-nos a pensar identidade como algo vivo, híbrido e em constante transformação.

Este trabalho quer ser, mais do que um conjunto de textos, um espaço de escuta e visibilidade. Um convite a olhar para a cultura não como algo fixo ou limitador, mas como encontro, mistura e possibilidade. Porque ser do mundo é, também, saber viver entre fronteiras e construir pontes.

2. Perfil Pessoal

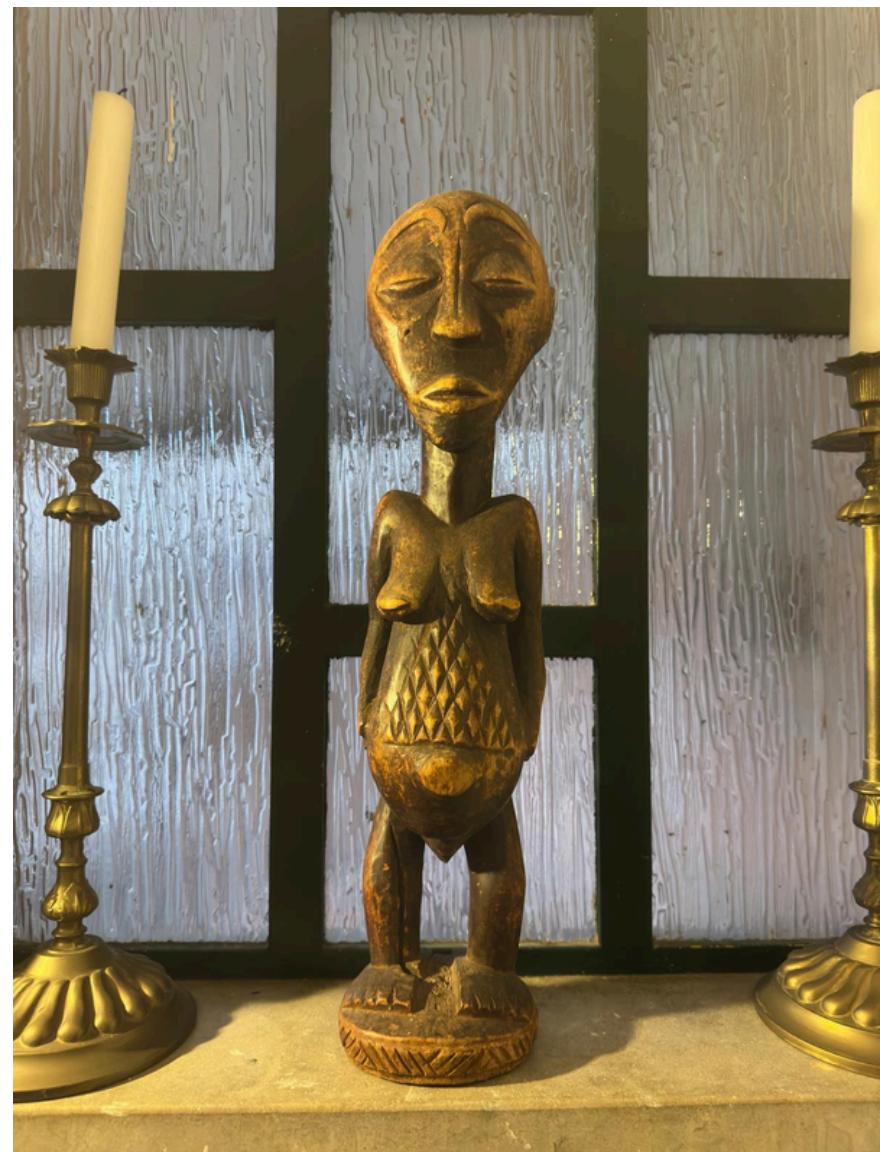


Nasceu na Finlândia, cresceu em África, descobriu-se no Brasil e vive hoje em Portugal. Aos 21 anos, Katerina carrega no sotaque, nas memórias e na forma de estar no mundo os traços de uma identidade que não cabe num só país.

Filha de diplomata, Katerina nasceu na cidade de Tammisaari, na Finlândia, mas nunca chegou a construir laços com o país nórdico. Com apenas alguns meses de vida, partiu com a mãe e o irmão, cônsul da embaixada finlandesa, para Moçambique. Foi lá, entre safáris em família e amizades sinceras, que viveu os primeiros anos de infância. "A energia do país era incrível", conta, com nostalgia na voz. Lembra-se das esculturas em madeira, da humildade das pessoas e da escola portuguesa que frequentou, a sua primeira ligação à língua que viria a acompanhá-la a vida.

Aos seis anos, nova mudança, Brasília. Durante três anos, o Brasil marcou-a profundamente. "Ouço música brasileira todos os dias. A culinária, o espírito, as pessoas, tudo isso faz parte de quem sou hoje", diz, sem hesitar. Foi lá que ganhou a leveza, a espontaneidade e o jeito descontraído que ainda hoje sente no dia a dia.

Aos nove anos chegou a Portugal, onde vive desde então. Mas a adaptação nem sempre foi fácil. Vinda de um Brasil caloroso e informal, estranhou certas expressões, o sotaque, o estilo das aulas. “Foi preciso reaprender a falar (...) trocar o ‘te amo’ por ‘amo-te’, por exemplo”.



Com o tempo, encontrou aqui o equilíbrio entre raízes e reinvenções.

Katerina não se define por um país. Diz que o coração está “em todos os lugares” onde viveu. “Não sinto casa num lugar específico. Há memórias bonitas em cada canto do mundo”, explica. Em casa, guarda objetos de madeira africanos, uma boneca tradicional e muitas recordações visuais, no fundo, vestígios físicos de uma infância nómada.

Sobre a globalização, tem uma visão otimista, acredita que o contacto entre culturas aproxima as pessoas e fortalece a essência de cada uma. “A globalização une. Não apaga. A nossa essência continua lá.” Mais do que uma cidadã do mundo, Katerina é a prova viva de que a identidade, no século XXI, é feita de múltiplos lugares e que, com afeto, memória e abertura, é possível levar um pouco de cada cultura dentro de si, sem perder quem se é.

2.1. Perfil profissional



Com 52 anos, Carla Carnide é uma das vozes experientes do Consulado dos Estados Unidos da América em Lisboa. Entre papéis, entrevistas e decisões difíceis, ela não só analisa documentos como observa pessoas, histórias e culturas em trânsito.

O seu percurso profissional começou longe da diplomacia. Passou por uma empresa de trabalho temporário, onde aplicava testes psicológicos, e depois exerceu funções como secretária de direção numa fábrica de plásticos. A mudança de rumo surgiu com uma oportunidade na embaixada norte-americana em Lisboa, onde começou como telefonista. Pouco depois, candidatou-se ao consulado e integrou o Departamento de Vistos, lugar onde permanece até hoje.

Ali, o dia a dia é tudo menos monótono, estudantes, trabalhadores, diplomatas, tripulantes e cidadãos em busca de novas oportunidades cruzam-se no seu atendimento. “É um trabalho muito interessante, mas também muito desafiante”, afirma. Lidar com diferentes pessoas, culturas e intenções exige atenção, empatia e, muitas vezes, resistência ao stress.

Carla vê, de perto, o impacto que a migração tem na vida das pessoas. E reconhece os desafios que os imigrantes enfrentam ao chegar a Portugal. “A língua e os costumes são os maiores obstáculos. Mas acredito que os portugueses sabem receber bem”, diz, mesmo reconhecendo que, nos últimos anos, o cenário tem mudado. “Infelizmente, alguns não vêm com boas intenções, o que afeta a percepção geral e dificulta as relações interculturais.”

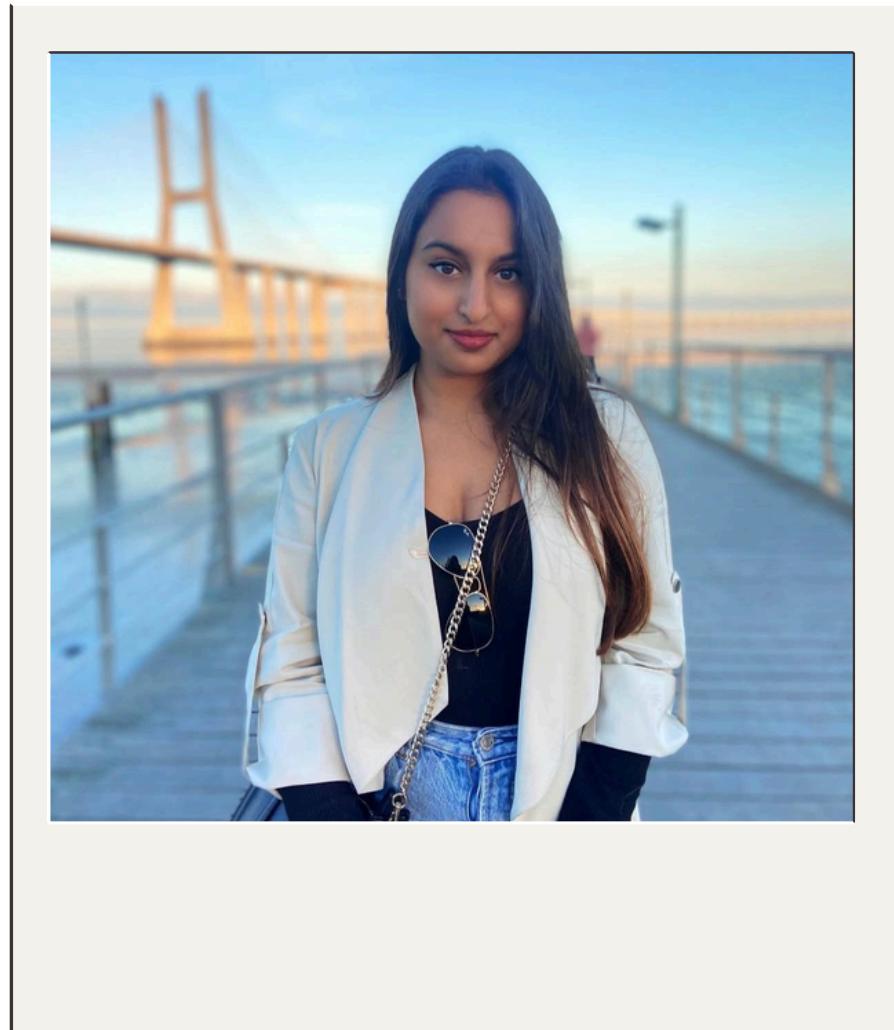
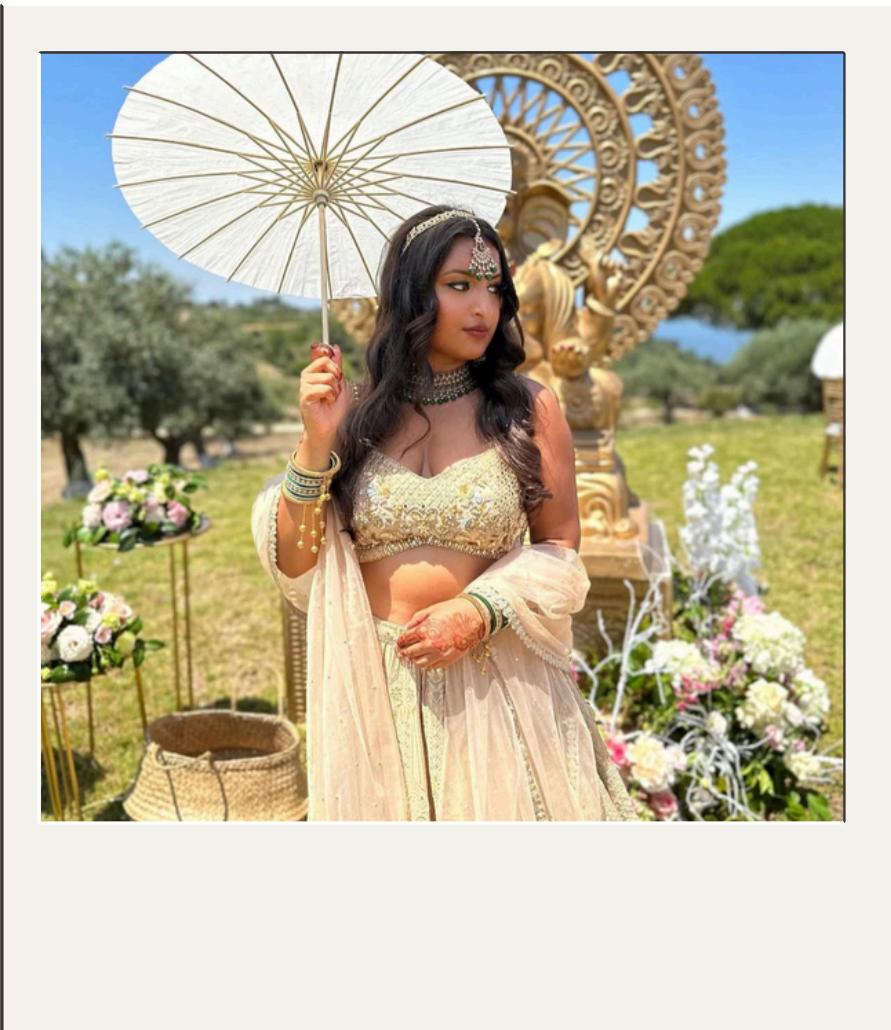
Ainda assim, acredita que há uma aceitação mútua das culturas, desde que o respeito seja recíproco. “Portugal é afável com quem chega por bem. O problema, por vezes, é o contrário, nem todos respeitam quem os recebe.”

Para Carla, representar um país fora dele implica responsabilidade, especialmente quando se carrega consigo a imagem de um povo inteiro. “Os portugueses são conhecidos por respeitar as regras, serem trabalhadores e honestos. É essa reputação que me orgulho de manter”, diz, com firmeza. Trabalhar para a missão dos EUA, garante, reforça esse sentido de dever e de respeito pela diversidade cultural.

Mais do que uma técnica de vistos, Carla Carnide é uma ponte discreta entre mundos, onde papéis e carimbos escondem histórias de vida. E no centro do seu trabalho está uma convicção simples, a cultura é um valor que se leva, mas também se partilha.

3. Entrevista

“Entre dois mundos”



Bhagyeshir tem 23 anos, nasceu em Portugal, mas sente-se, acima de tudo, indiana. Crescer entre duas culturas, a que a viu nascer e a que herdou dos pais, moldou a sua identidade, dividida entre pertenças e marcada por contrastes.

Desde pequena que os pais lhe transmitiram os valores, hábitos e tradições da cultura indiana. Mesmo tendo nascido em solo português, afirma que se identifica muito mais com a Índia do que com Portugal. “Acho engraçado que, quando me perguntam de onde sou, digo logo que sou indiana. Apesar de ter nascido cá, não me sinto tão portuguesa quanto devia”, admite. Essa ligação manifesta-se no quotidiano, nos rituais religiosos do hinduísmo, nas práticas alimentares (como o não consumo de carne de vaca), nas roupas e, sobretudo, nos valores que aprendeu em casa. “Tudo o que é cultura e religião eu tento seguir, porque são também os valores que acredito”, diz com convicção.



Mas viver entre duas culturas tem o seu custo. Bhagyeshir descreve uma sensação constante de deslocamento: “Não me sinto 100% india nem 100% portuguesa, o que às vezes é desconfortável. Parece que não pertenço a lado nenhum.”

O conflito raramente é interno , vem mais da forma como é vista pelos outros, da forma como lhe falam ou a tratam.

Na escola, em criança, foi alvo de preconceito. “Na altura, vivia numa zona onde quase não havia indianos. Estar ali, a ser a diferente, era uma novidade para os meus colegas.” Recorda episódios de racismo, bullying e comentários desagradáveis por causa da cor da pele. “Sofri com isso. Ser mais morena, ter uma cultura diferente... tudo isso me tornou alvo de preconceito.”

Hoje, mesmo já adulta, continua a sentir que o preconceito está longe de desaparecer, pelo contrário. Na sua opinião, o aumento da imigração tem acentuado a intolerância. “Vejo os portugueses cada vez mais racistas.Há um desconforto em lidar com quem é diferente. E infelizmente, quem é indiano, ou apenas parece indiano, é automaticamente rotulado.”

Um episódio que a marcou foi ver o pai ser alvo de racismo. “Não foi comigo, mas foi doloroso. Mostrou que, mesmo quem nasceu aqui, como eu, nem sempre é aceite.”

Ainda assim, Bhagyeshir entende que há medos do lado português, que se confundem com julgamentos. “As pessoas muitas vezes não compreendem o que é crescer noutra realidade, com outra língua, outros costumes. E têm dificuldade em aceitar isso. Mas precisam de ser mais pacientes e empáticas.”



A mensagem que deixa é clara, “Nem toda a gente de pele escura é india. E mesmo que fosse, isso não pode ser sinónimo de algo mau. As pessoas dizem que gostam da nossa cultura, das roupas, das danças, mas depois não conhecem os nossos valores. Apreciam o exótico, mas não respeitam o essencial.”

Bhagyeshir pede menos julgamento e mais curiosidade verdadeira. E, acima de tudo, que se aprenda a ver para lá das aparências. Porque viver entre culturas é carregar dois mundos dentro de si e isso, longe de ser uma fraqueza, é uma força.

4. Notícia

Lisboa celebra a cultura indiana com o regresso do Bollywood Holi

Festival criado por DJ Yash reúne milhares de pessoas num evento onde a música, a cor e a tradição se cruzam com a resistência cultural.

Lisboa voltou a vestir-se de cor, dança e diversidade com mais uma edição do Bollywood Holi, o festival anual dedicado à celebração da cultura indiana que decorreu na capital com mais de 2000 participantes. O evento, criado em 2013 por DJ Yash, artista português de origem indiana, afirma-se como um dos maiores pontos de encontro multiculturais da cidade.

Nascido em Portugal no seio de uma família gujarati, DJ Yash tem vindo a construir uma carreira de sucesso a nível nacional e internacional, com atuações em países como Reino Unido, Irlanda, Itália, Indonésia e Holanda, e colaborações com nomes reconhecidos da cena sul-asiática como Arjun, Panjabi MC e Zack Knight.“O Bollywood Holi é mais do que um festival. É uma afirmação cultural. É o espaço onde posso ser português e indiano ao mesmo tempo, sem precisar de escolher”, afirma o DJ e produtor, que fundou o evento com o apoio da Comunidade Hindu de Portugal. O festival foi destaque na revista Time Out e conta, desde a primeira edição, com atuações de dança, performances ao vivo e DJs que misturam sonoridades de Bollywood, Bhangra, House, Afro e Reggaeton.

Este ano, a festa ficou marcada também por comentários racistas nas redes sociais, que geraram debate sobre a aceitação da diversidade cultural em Portugal. DJ Yash não se calou: “Houve quem tentasse reduzir o Holi a algo estranho ou ‘fora de lugar’. Mas a nossa resposta foi a mesma de sempre: música, união e respeito.”

Para muitos participantes, o festival representa não só um momento de celebração, mas também de reconhecimento da cultura indiana como parte integrante do tecido social português. “A música é uma ponte entre culturas. Aqui dança-se com gente de todo o mundo. É isso que importa”, afirmou uma visitante durante o evento.

O Bollywood Holi tem vindo a ganhar dimensão internacional, recebendo visitantes de vários países e contando com transmissões especiais em estações como a BBC Asian Network. Para DJ Yash, o objetivo mantém-se claro: “Continuar a misturar ritmos, culturas e pessoas. E fazer da arte um espaço onde todos pertencem.”



5. Artigo de opinião

Identidade nacional na era global: entre o orgulho e a reinvenção

Numa época em que fronteiras físicas coexistem com fronteiras culturais cada vez mais fluidas, o que significa, afinal, ter uma identidade nacional?

A globalização trouxe consigo uma transformação profunda da forma como vivemos, como nos movemos e como nos definimos. Entre fluxos migratórios, redes sociais e encontros interculturais constantes, somos hoje mais expostos e, por isso, também mais permeáveis a outras formas de estar, de falar, de vestir e de pensar. Isso é sem dúvida, uma riqueza mas, é também um desafio para a ideia tradicional de identidade nacional. Durante muito tempo, a identidade de um povo foi construída com base em símbolos fixos tais como, a língua, a bandeira, os heróis, os hinos, os hábitos culturais. Ainda hoje, muitos sentem que “pertencer” significa alinhar com um certo modelo de comportamento ou aparência. Mas o mundo mudou, o que antes era homogéneo, hoje é plural. Num país como Portugal, onde coexistem comunidades de dezenas de origens diferentes, que espaço existe para uma identidade que se queira única?

Há quem veja nesta diversidade uma ameaça. É o discurso do medo que cresce em tempos de mudança, “perdemos a nossa cultura”, “a tradição está a desaparecer”, “os estrangeiros estão a dominar”. Mas talvez devêssemos olhar para esta realidade com outros olhos.

Porque a identidade nacional não se perde com o contacto com o outro, ela transforma-se. Reinventa-se. Atualiza-se.

O verdadeiro desafio está em deixarmos de pensar na identidade como um bloco fechado e começarmos a vê-la como um organismo vivo. Uma língua que se enriquece com novas palavras. Uma gastronomia que se mistura com sabores de fora. Uma juventude que dança ao som de músicas do mundo inteiro, sem deixar de saber onde estão as suas raízes.

Ser português em 2025 pode significar comer bacalhau com garam masala. Pode ser alguém que nasceu noutro país mas aprendeu a amar este chão. Pode ser alguém com sotaque, com um nome diferente, mas com os mesmos sonhos. A identidade nacional, se for rígida, exclui. Mas se for aberta, acolhe. E cresce.

Não se trata de renunciar ao que somos, mas de reconhecer que o que somos hoje é feito de muitas vozes, muitas peles, muitas histórias. É tempo de abandonarmos a ideia de pureza cultural, porque ela nunca existiu, e abraçarmos a ideia de que a verdadeira força de um país está na sua capacidade de se reinventar sem medo.

6. Reflexões

Este e-book foi mais do que um exercício jornalístico, foi uma escuta atenta a vozes que vivem entre margens, entre línguas, entre culturas. Ao longo destas páginas, conhecemos histórias de quem constrói a sua identidade em territórios híbridos, muitas vezes sem mapa ou manual. Histórias de quem nasceu aqui, mas cresceu com referências de outros mundos. De quem migrou, de quem acolhe, de quem resiste, com memória, música, fé ou simplesmente presença.

Percebemos que a identidade já não cabe em definições fechadas. Ela é moldada pelo afeto, pelo deslocamento, pela convivência com o diferente. E que a cultura, quando é viva, não se fecha, transforma-se, adapta-se, expande-se.

A globalização não apaga tradições, mas exige que as relemos à luz de novos contextos. Que saibamos acolher a diferença sem medo. Que entendamos que pertença não é exclusividade, mas sim partilha. E que ser do mundo hoje é, acima de tudo, reconhecer a diversidade como parte do que somos e não como ameaça ao que fomos.

Terminar este trabalho é também deixar uma pergunta no ar: Que pontes estamos dispostos a construir e que muros ainda precisamos de derrubar para que a cultura seja, verdadeiramente, um espaço de encontro?